são escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. (Col. Cotidiano Escolar).

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. Educação especial no Brasil: história e políticas públicas/ Marcos José Silveira Mazzota-5. Ed.- São Paulo: Cortez, 2005.

MAZZOTTA, M. J. S. Educação especial no Brasil: história e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 1996.

PINHEIRO, Ana Paula Rocha. Formação de professores para inclusão de pessoas com necessidades especiais: o caso de cursos de licenciatura da UFRB. 2010. Monografia- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa/BA, 2010.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 5. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2004.

STAINBACK, Suzan & Willian Satainback. Inclusão: Um Guia para Educadores. Porto Alegre:

Artes Médicas, 1999.

A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

APARECIDA NASCIMENTO LINHARES

RESUMO

A proposta dessa pesquisa é investigar, através de um referencial teórico, a importância da arte na educação infantil, refletindo sobre a importância do papel docente na construção de uma educação, desde a infância, que considere o ser humano como ser plural, onde suas vivências estão diretamente relacionadas ao processo criativo. A investigação se refere à ampliação das possibilidades criativas e gerar ações transformadoras sobre as experiências vividas entre as crianças, a fim de possibilitar vivências artísticas enriquecedoras e experiências estéticas, sensíveis, criativas e motivadoras.

Palavras- chave: Educação infantil. Arte. Experiências enriquecedoras.

ABSTRACT

The purpose of this research is to investigate, through a theoretical framework, the importance of art in early childhood education, reflecting on the importance of the teaching role in the construction of an education, from childhood, that considers the human being as a plural being, where their experiences are directly related to the creative process. The investigation refers to the expand creative possibilities and generate transformative actions on the experiences lived among children, in order to enable enriching artistic experiences and aesthetic, sensitive, creative and motivating experiences.

Keywords: Early childhood education. Art. Enriching experiences.

INTRODUÇÃO

A proposta dessa pesquisa é investigar a importância da arte na educação infantil e o fazer pedagógico no cotidiano escolar, ou seja, refletir por quais vias é possível construir uma educação, desde a infância, que considere o ser humano como ser plural, onde suas vivências estão diretamente relacionadas ao processo criativo. A arte na educação infantil como um tema de pesquisa emergiu de um questionamento sobre a minha prática docente e a necessidade de proporcionar uma experiência artística significativa no cotidiano das crianças. A partir dessa premissa, refletir sobre a criança como um ser em constante movimento, que tem grande curiosidade e que aprende tudo o que é percebido pelos sentidos, deixa clara a importância da superação da fragmentação do conhecimento e a necessidade de uma busca incessante por uma educação integral que valorize as crianças como seres sensíveis, brincantes e pensantes.

A arte, como uma linguagem privilegiada, possibilita ampliar o potencial humano para criar e construir aprendizagens através de suas diversas linguagens, onde a criança pode ao mesmo tempo experimentar, criar, construir, aprender e capturar o mundo através de seus sentidos. É imprescindível que haja uma busca por essa prática educativa que valorize a arte na educação infantil e a considere em uma perspectiva plural e indispensável à formação humana, rompendo práticas tradicionais e instaurando um processo reflexivo sobre o trabalho com arte no cotidiano escolar.

Nessa pesquisa apresento um diálogo entre diferentes autores que discutem sobre a importância da arte na educação e sua função indispensável à formação integral do ser humano. A partir dessas contribuições, é de suma importância situar a educação em sua função primordial, que mais do que formar ou transmitir informações, tem o papel de transformar, na qual se respeite os saberes dos educandos, sua curiosidade e, ao mesmo tempo, que o educador assuma uma postura de quem provoca e estimula esses sujeitos, dentro de suas vivências sociais, históricas e culturais, e que o ato de conhecer respeite a dignidade e autonomia dos educandos.

A discussão entre os autores citados propicia uma compreensão da necessidade de articular educação e arte desde a infância, pois o ato de educar não se separa do ato estético e político; essa compreensão reafirma a necessidade de considerar o ser humano em sua pluralidade, como um ser singular que vivencia todas as possibilidades de conhecimento no desenvolvimento de suas potencialidades.

A metodologia utilizada será baseada na pesquisa bibliográfica, onde é realizada uma análise a partir da contribuição de diferentes autores na temática abordada, colaborando no processo de reflexão sobre a importância da arte no cotidiano das escolas de educação infantil.

A partir desse percurso, discutir e refletir sobre a importância da arte na formação do ser humano desde a infância, e como os docentes devem estar sensibilizados para construir um processo significativo e propiciar vivências motivadoras que podem aproximar as crianças da arte.

2. Arte e educação

A arte, como materialidade de expressão que dá forma aos pensamentos e sentimentos humanos, tem uma importância fundamental na educação e uma função indispensável à formação integral do ser humano. Fisher (1973), nos ajuda a compreender que o ser humano, como um ser incompleto, necessita da arte para agregar sentido de plenitude à sua existência. "A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo, reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias". (FISHER, 1973, p.13)

A arte é intrínseca à sociedade e sua função se transforma simultaneamente ao mundo na qual está imersa transforma-se constantemente, pois representa as ideias e desejos da humanidade em um período histórico particular. Dessa maneira, não há como apartar o homem da arte, pois é algo que lhe é inerente em sua evolução histórica e conquista de sua humanidade. O homem utiliza-se da arte para se expressar, comunicar e dar forma e materialidade a sentimentos e emoções que completam seu sentido existencial. Richter (2008) reforça a importância da experiência estética para o ser humano, pois esta possibilita a criação utópica ou o questionamento da realidade existente, e dessa forma, a produção artística pode não representar o real de maneira direta, mas é nele que se sustenta. A articulação entre ideia e realidade ocorre a partir dessa experiência poética do que é vivenciado de forma imediata.

Fisher (1973) elucida nossa compreensão a respeito do potencial humano para a criação da arte e, ao mesmo tempo, nos coloca como seres dependentes dela para agregar sentido à nossa existência. Isso porque a "arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente" (FISHER, 1973, p.20).

A arte - como meio de identificação do homem com a natureza, com outros homens e com o mundo, como meio de fazer o homem sentir e conviver com os demais, com tudo o que é e o que está para ser - está fadada a crescer na mesma medida em que cresce o homem (FISHER, 1973,p.253).

Não há como negar a importância da arte para a formação e constituição humana, pois possui esse potencial para propiciar aprendizagens plurais e significativas no contexto escolar, sobretudo, e de modo privilegiado na educação infantil, onde a criança ainda é essa fusão que carrega características de um ser pleno que se desenvolve cognitivamente enquanto cria, imagina e vivencia, a partir dessa eterna ânsia de desvendar e conhecer o mundo a sua volta. Nesse contexto, propiciar experiências ricas e diversificadas no contato da criança com a arte, certamente contribui para o desenvolvimento de sua criatividade e cognição, ampliando a sua compreensão através de diferentes formas de olhar o mundo e proporcionando-lhes diversas ferramentas que a auxiliam a dar forma a seus pensamentos e desejos, colocando-as no mundo como seres autorais.

RICHTER (2008) aponta a necessidade de uma educação que possibilite o diálogo, a reflexão e a vivência de situações específicas e que promovam uma multiplicidade de experiências visuais desde a infância. Essa necessidade só é suprida no contato cotidiano da criança com a arte, através do olhar atento e sensível do professor, que além de estar imerso nessas experiências de forma intensa, seja também propositor no encontro da criança com o fascinante mundo da arte.

Este o compromisso da arte com a educação desde a infância: educar a sensibilidade para que cada criança possa jogar com os possíveis do humano no espaço e tempo de sua cultura.

Significa perseguir a experiência poética e estética como experiência de formação e transformação, como devir plural e

criativo, como acontecimento da pluralidade e da diferença, como aventura em direção ao desconhecido, como produção infinita de sentidos. (RICHTER, 2008, p.22)

A arte promove essa educação para a sensibilidade que nega a homogeneização, pois provoca os sentidos e abre possibilidade para diferentes escolhas, o que amplia o olhar tornando-o mais crítico e, ao mesmo tempo, torna a criança mais sensível ao interpretar as imagens do mundo que a cerca. Ou seja, a

arte abre novos horizontes, pois ao se deparar com o diferente e o inusitado, possibilita novas formas de interpretar e julgar a diversidade existente na criação humana. E essa sensibilidade já faz parte do universo infantil, pois ao se deparar com algo que desconhece, e não possuir domínio técnico e nível de complexidade de conhecimento característico do seu estágio de desenvolvimento para julgá-lo, a criança, por si própria possui essa forma mágica e poética de lidar com novas experiências e que, sem dúvida, proporciona essa liberdade e espontaneidade na sua expressão corporal, gestual, musical, gráfica, e lúdica. A criança não se aprisiona a regras que enrijecem sua forma espontânea de expressão, dessa forma, se uma vivência, como a que arte proporciona, possibilita o contato com o lúdico e o desafio de novas descobertas, ela se entrega a essa experiência sem medos nem restrições, por isso, consegue se expressar de forma tão sensível, poética e criativa.

"Esses valores de gratuidade, esse sentido de festa, essa instantaneidade da invenção caracterizam a infância como um momento de vida fundamentalmente poético" (RICHTER, 2008, p.40).

Essa vivência poética engloba múltiplas experiências que são propiciadas pela arte, desde a vivência lúdica com o corpo até sua relação com cores, imagens, sons, ritmos e gestos que podem ser vividos de maneira diferente do que já é conhecido, pois proporciona outras formas de experimentar o que já foi vivenciado. No contexto da educação infantil, essas múltiplas experiências são necessárias, pois ocorrem simultaneamente e não há uma hierarquização da palavra em detrimento de outras experiências importantes para o desenvolvimento integral da criança.

A expressividade do desenho, por exemplo, é essencial para compreender e acompanhar o processo evolutivo da criança, uma das formas primeiras de expressão do universo infantil, se configura como uma linguagem extremamente importante para a criança, tanto como a linguagem oral e gestual, e anterior à linguagem escrita. O desenho infantil se caracteriza como uma linguagem, onde através de seus traços a criança se expressa e comunica para o outro sua necessidade lúdica através de traços, imagens e cores.

Nessa perspectiva é importante refletir sobre a possibilidade que abre caminhos para que o educador da infância encontre essa sensibilidade e aguce o olhar para as produções infantis, pois "quem sabe, a partir do reconhecimento da própria capacidade de desenhar, possa surgir um novo significado no encontro entre adultos e criança" (DERDYK, 2003, p.13). Moreira (2002), em seu livro "Espaço do desenho: a educação do educador" discute O desenho como uma linguagem característica e espontânea do universo infantil e as relações de descontinuidade entre o desenho da criança e do adulto. Um fato corriqueiramente observado na escola e que ela nos aponta, é que com o passar do tempo a criança perde a confiança no seu traço e posteriormente, quando cresce, diz não saber mais desenhar, da mesma forma que deixa de cantar e movimentar seu corpo com espontaneidade. Se quando adulto não se tornar um artista, dificilmente essa criança voltará a desenhar, é como se o desenho fosse uma linguagem característica da criança, da mesma forma como ocorre com a brincadeira. Isso acontece porque a escola reprime os movimentos e a expressão espontânea em nome de controle excessivo dos corpos e a normatização do espaço. Essa conduta revela uma concepção de educação que fragmenta o conhecimento e valoriza o que é racional, desdenhando-se das emoções que estão intrinsecamente relacionadas ao ato de aprender e da sensibilidade de olhar o mundo. E o professor, imbuído desse caráter tecnicista, se torna um reprodutor desse sistema social no qual estamos imersos, se desfaz de sua própria subjetividade e expressividade para cumprir prazos e metas que, muitas vezes, aprisionam seus próprios sentidos. Uma saída apontada pelas autoras é a importância de investir na formação desse professor, para que ele também possa encontrar sua subjetividade e seu percurso criativo, pois não será capaz de propiciar às crianças uma experiência a qual ele jamais vivenciou.

A proposta de Moreira é acompanhar as etapas do desenvolvimento do desenho através das mesmas etapas descritas por Piaget em "A Formação do Símbolo na criança: o exercício, o símbolo e a regra". Ela associa as etapas do jogo a dos desenhos, "pois o desenho também é uma forma de jogo" (MOREIRA, 2002,

p.27). A criança tem interesse no desenho enquanto possui uma característica lúdica, uma oportunidade de brincar, pois esse é o seu principal centro de interesse e onde focaliza todas as suas energias.

Dessa forma, configura-se a importância de uma fundamentação teórica consistente que nos permita compreender a criança dentro das suas possibilidades de desenvolvimento características de sua faixa etária, para posteriormente, fazer uma mediação entre o universo infantil e as inúmeras possibilidades no encontro com a arte.

2.1 Criança, desenvolvimento e arte

Para compreender o universo infantil e propiciar um espaço educativo comprometido com sua subjetividade como pessoa humana, com suas características próprias de expressão, com tempos e espaços característicos de seus fazeres e respeitando toda a diversidade cultural da qual advém esses pe-

quenos sujeitos em construção, é necessário refletir a prática a partir de diferentes modos de imaginar, perceber e agir, pautados em uma concepção de conhecimento como fenômeno multidimensional, como nos define Morin (apud RICHTER, 2008, p.16) "ao mesmo tempo físico, biológico cerebral, mental, psicológico, cultural, social". O conhecimento, como um fenômeno complexo no desenvolvimento do ser humano, necessita ser repensado através de diferentes contribuições teóricas que possam auxiliar a compreensão do pensamento infantil, o papel do ambiente escolar e a função privilegiada da arte em propiciar esse contato do ser humano com sua totalidade.

Para contextualizar as bases teóricas desse estudo, enfatizo as abordagens de autores sócio-construtivistas que consideram o sujeito como um ser ativo no processo de aquisição do conhecimento e enfocam o conceito da interação como elemento central para definir sua compreensão de aprendizagem e desenvolvimento. Para tal, é importante trazer para reflexão as concepções de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças, onde caracteriza quatro fatores considerados essenciais, de acordo com Palangana (2001, p.22) é o fator biológico, definido como o crescimento orgânico e a maturação do sistema nervoso; o exercício e a experiência física, que ocorrem através do contato com os objetos; as interações e transmissões sociais, decorrentes da linguagem e do contexto educativo; e a equilibração das ações.

De acordo com a concepção piagetiana, sistematiza o desenvolvimento cognitivo em etapas, ao longo do qual a criança constrói determinadas estruturas cognitivas, e posteriormente dispõe de novos esquemas que apontam determinadas características e mudanças qualitativas que identifica o início de outro período de desenvolvimento intelectual. (PALANGANA, 2001, p.24)

Richter (2008) considera importante compreender os pressupostos estudados por Piaget para ter clareza do processo desenvolvimento infantil, onde a criança através de suas ações sobre os objetos organiza suas experiências e passa a significar essas vivências. Para ela, Piaget coloca que qualquer novidade que é apresentada para a criança não representa um obstáculo, mas sim o desejo de exploração, de assimilação e descoberta. Reflete como essa curiosidade necessita da experimentação palpável do mundo que a cerca, e "nesse processo, a criança constrói subjetivamente as noções de objeto, espaço, tempo e causalidade, condições fundantes para a representação através de imagens mentais ou materiais" (RICHTER, 2008, p.31).

A maior evolução da criança se caracteriza pela passagem do plano das ações para a simbolização, onde reconstrói suas ações sensório-motoras e se apropria do mundo a sua volta através de representações simbólicas. Segundo Richter, a partir do surgimento da função simbólica, a criança se torna capaz de criar algo novo, o que resulta na emergência de ações mais estruturadas sobre os objetos e permite o maior domínio sobre o plano das representações.

Os diferentes saberes e fazeres com os meios artísticos visuais permitem à criança ampliar repertórios, simultaneamente corporais e culturais, para narrar e fabular o vivido através do ato de configurar, produzir e interpretar imagens- visíveis e invisíveis – no encontro transformador entre „corpomente e materialidade. Encontro poético que produz significados em ambos. (RICHTER. 2008, p.34)

Ao refletir sobre as contribuições de Piaget, Garcia (1997, apud Muniz, 2012) compreende que o processo de desenvolvimento ocorre através das diversas descobertas que fazemos a partir de nossas experiências, e que "todo descobrimento é uma recriação de uma realidade interpretada" (p.264). É exatamente através da criatividade que ocorre esse processo de descoberta e compreensão do mundo, pois os acontecimentos só se tornam compreensíveis a partir do momento que a nossa mente cria ferramentas para interpretá-lo. Por isso, a importância de estimular o potencial criativo das crianças e propiciar sua interação com diferentes materialidades para possibilitar sua interação com o meio.

Outra característica importante dos estudos de Piaget se refere a diferenciação que estabelece entre os jogos de ficção e os jogos de construção, pois Richter (2008) identifica nesse processo uma importante função da arte nas construções lúdicas das crianças.

Nessas etapas distintas, Richter analisa que os jogos de construção são os que mais se aproximam da criação artística, pois, o que importa não é a produção de algo real, mas sim de algo que é possível através da imaginação. E é esse prazer que as crianças sentem no contato com a materialidade da arte, pois tem a possibilidade de construir brincando seus desenhos, pinturas e modelagens através do estímulo que a imaginação proporciona.

Richter enfatiza também a importância de compreender o significado do jogo na construção do pensamento da criança, pois permite valorizar a experiência da criança, onde através da manipulação dos objetos pode compreender do mundo e se apropriar de novos conhecimentos, pois a simples contemplação do mundo não permite que esse complexo processo aconteça.

"A experiência passa a ter significação no seio da ação mesma da criança que interage com o meio a sua volta, permitindo-lhe reelaborar, no plano da representação sim-

bólica, objetos fenômenos ou acontecimentos" (RICHTER. 2008, p.40)

Piaget não desconsiderou a influência do meio no desenvolvimento humano, mas analisou o papel dos fatores sociais e a função das interações relativas ao desenvolvimento da inteligência, que era o foco de sua pesquisa.

Por isso, Vigotski vem de encontro a essas ideias, pois em sua teoria, atribui às interações sociais a via principal pelo qual o indivíduo constrói o conhecimento, destaca a importância do ambiente social para a aprendizagem do sujeito, histórico e social, pois é a partir dele, que se desenvolve e se humaniza.

"O meio, assumido por esse autor como a cultura, fornece aos indivíduos os sistemas simbólicos de representação e, por meio deles, o universo de significados que permite construir uma ordenação, uma interpretação dos dados do mundo real". (MUNIZ, 2012, p.254).

Na postulação de Vigotski a linguagem assume um caráter essencial, pois torna-se portadora e transmissora da cultura de um grupo característico, o que possibilita que as crianças construam uma relação entre signo e significado identificadas como pertencentes aos elementos que compõem o grupo. As abordagens de Piaget e Vigotski não são duas teorias opostas, como nos aponta Muniz (2012), na verdade são concepções diferentes que partem de pressupostos distintos. O que diferencia Vigotski é que ele considera os fatores externos e sociais como intervenção direta no desenvolvimento cognitivo e estes influenciam a formação das funções psicológicas superiores, ou seja, o meio sociocultural constrói a natureza psicológica das pessoas. E para Piaget, o meio social também contribui nas trocas que o indivíduo realiza com o ambiente. Portanto, a opção por um ou outro conceito, ou por ambos, depende da proposta educativa que se deseja implementar na escola.

Paulo Freire contribui na reflexão a respeito do tema escola e cultura, pois considera educação como uma prática social e o conhecimento como dialético, pois parte da ação para a reflexão. Esse movimento possibilita a libertação do homem e sua conscientização como um ser histórico e social. Dessa forma, a prática pedagógica possui um sentido político e sua função é transformadora. Concluindo, "A cultura aparece como resultado do diálogo do homem com a natureza. Por meio do trabalho, o homem transforma a natureza, dando um significado cultural e social às suas ações" (MUNIZ, 2012, p.260).

Na concepção de Freire há uma relação direta entre escola e cultura, pois ambas fazem parte de um mesmo processo de construção do conhecimento. Para ele, o conceito de alfabetização consiste em relacionar o ato de ler e escrever com a conscientização de sua historicidade, onde, através de questionamentos críticos sobre a realidade seja possível transformar o mundo no qual se vive.

Barbosa (2005) também discute com interesse as ideias de Paulo Freire e faz uma relação no seu trabalho com a arte, pois para ambos o processo educativo possibilita a consciência crítica, através de uma vivência como sujeitos históricos e da participação social. Ela discute as ideias de alfabetização de Freire e a partir delas criou um conceito de alfabetização visual com bases semelhantes.

(...) a alfabetização visual promove a identidade cultural e integração social. Interpretar e produzir imagens são habilidades integradas pelas quais é possível perceber e analisar nossa(s) cultura(s). Esse conhecimento da história e da arte locais oferece elementos essenciais à cidadania. Tornando-se conhecedor das diferentes tradições culturais, (...) estudantes passam a adquirir não só um entendimento contextual das diversas formas e manifestações artísticas, mas também dos sistemas de valores, influencias históricas e tensões econômicas da sociedade. (BARBOSA, 2005, p.230)

As práticas de arte educação propostas por Barbosa sugerem o trabalho com a própria comunidade, onde seja possível olhar criticamente a arte local e a própria cultura dos alunos. Esse movimento proporciona momentos para interpretar, questionar, motivando-os a participar de forma consciente da cultura e sociedade na qual estão imersos.

Muniz (2012) chama atenção para o fato do fazer pedagógico compreender a

"leitura de mundo" do educando, que se expressa através da linguagem e é influenciada pela cultura, pois reflete toda a bagagem de conhecimento que uma pessoa traz ao adentrar os muros da escola. Esse saber deve ser considerado e valorizado no contexto escolar para que se construa uma prática voltada para a emancipação e autonomia desses sujeitos, com relação aos conhecimentos que se deparam dentro da instituição, para que façam sentido a partir de suas próprias experiências.

Aqui é possível fazer um paralelo entre a relação de cultura e linguagem proposta por Freire e também explicitada por Vigotski, pois "a palavra, para ambos, é considerada um signo mediador, guarda relação com o meio onde se encontra o sujeito e tem seu sentido fornecido por este último" (MUNIZ, 2012, p.262).

Contextualizar a educação infantil a partir da conceituação desses autores permite pensá-la dentro de uma proposta mais significativa, onde se considera os fatores sociais e culturais relacionados ao processo educativo, e, dessa forma, os conteúdos e aprendizagens são redimensionados e ampliados, ganhando um sentido mais claro e

maior significado dentro desse contexto.

Vygotsky enfatiza o caráter social e cultural do processo de conhecimento, percebe sua influência como definitiva e constituinte do desenvolvimento. Faz-nos pensar, assim como Freire, numa criança – ser humano, cuja inserção no mundo social é histórica, cuja leitura de mundo a faz produtora de cultura e de saber, e que, por isso mesmo, deve ser estimulada à criação e a autonomia (MUNIZ, 2012, p.263)

A educação infantil possui uma função social e cultural, deve refletir sobre sua prática educativa e o conteúdo das aprendizagens propiciadas às crianças, que não devem tornar-se superficiais e empobrecidas. A criatividade e a autonomia são características que devem fazer parte de uma perspectiva de educação infantil proposta por esses autores. Para Freire:

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em hora marcada. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (1996, p.121)

Richter (2008) reforça as ideias de Freire ao enfatizar o processo de liberdade como sendo "fundamental em qualquer processo de criação e exige um laborioso aprendizado exercitado no encontro pedagógico exigente e não permissivo, aquele onde rigor não significa rigidez nem autoritarismo" (p.21). Aqui destaca a fundamental importância da arte no contexto educativo, pois esta propicia múltiplas possibilidades de experiências e, através dela, a criança, como um ser criativo e produtor de cultura, pode compreender a si mesma e o mundo a sua volta. Para que esse processo ocorra, a liberdade é essencial, liberdade para criar, experimentar e interpretar, o que exige tempos e espaços flexíveis, plurais e sempre abertos ao processo de criação.

A arte, por sua característica intrínseca de nos colocar frente ao inusitado e ao inesperado, abre espaços para a criação de situações onde podemos nos confrontar com o exercício experimental da liberdade, com a humana capacidade de criar e inventar algo que vai além da realidade, ultrapassando-a. Essa ultrapassagem, que gera o espaço da criação. É realizada pela imaginação que, na ação de transportar nossa curiosidade até o desconhecido, é fonte de toda inquirição filosófica, artística e cientifica (RICHTER, 2008, p.21)

Richter reflete sobre a importância de o professor enfrentar esse grande desafio que é mediar a construção de processos de autonomia, onde as crianças vivenciem experiências artísticas motivadoras e não sejam simplesmente expectadoras, mas sim dispo-nham de liberdade para criar e construir significados para si mesmo e para as coisas do mundo.

Freinet também colabora nesse processo educativo plural e significativo ao qual estamos refletindo. Ele propõe ideias para construir um ambiente educativo de emancipação, onde as crianças possam ser sujeitos do seu processo de aprendizagem e, através de sua atuação ativa, transformar a realidade a sua volta. Esse processo sem dúvida exige a construção de uma educação para a autonomia, no qual esse potencial seja estimulado em um percurso construído consciente e coletivamente. Essas ideias estão em consonância com as contribuições de Paulo Freire, pois sem perder de vista que a educação mais do que formar ou transmitir informações, tem o papel de transformar, propõe uma convivência aberta entre professores e alunos, onde se respeite os saberes dos educandos, sua curiosidade e, ao mesmo tempo, que o educador assuma uma postura de quem provoca e estimula esses sujeitos, dentro de suas vivências sociais, históricas e culturais, e que o ato de conhecer respeite a dignidade e autonomia dos educandos.

Oliveira-Formosinho et al (2007) discute a proposta de Freinet que se efetiva através de vivências práticas, onde a ação do professor constrói um processo dialético baseado na reflexão. Por isso, ele propõe um conjunto de ações pedagógicas dinâmicas e sempre abertas a mudanças. Refletindo sobre o que se propõe neste projeto de pesquisa, a proposta inicial se refere as ideias sobre as aulas-passeio, onde Freinet percebe que o interesse da criança se focaliza no que está acontecendo fora da sala de aula, no mundo a sua volta. Dessa forma, organiza as aulas-passeio como uma atividade extremamente motivadora, onde a criança se envolve afetivamente, o que facilita o interesse e o desenvolvimento de conteúdos proposto pelo professor. E é justamente no interior das escolas de educação infantil que essa proposta se potencializa, pois as crianças, extremamente curiosas, ativas e participativas se envolvem completamente nas possibilidades que permitem perceber e sentir o mundo a sua volta, tornando a aprendizagem mais significativa. A aprendizagem da criança não ocorre somente na sala de aula e, quando o professor, consciente dessa educação que abarca todas as vivências das crianças, empreende uma busca reflexiva por uma educação mais sensível, aberta e atenta às necessidades das crianças, certamente conseguirá superar uma série de conflitos que se depara em sua prática docente.

Oliveira-Formosinho et al (2007) nos ajuda a compreender a pedagogia de Freinet que se caracteriza por sua dimensão social, onde a criança deve ser centro desse processo, mas não de forma isolada e sim inserida dentro de uma comunidade, na qual convive e faz parte. Muitos de seus pressupostos vão

de encontro às ideias dos autores discutidos anteriormente, tendo em vista que, para ele, a aprendizagem é um processo de construção e que o trabalho criativo é o propulsor da ação educativa.

Nesse aspecto, mais uma vez, a arte torna-se um meio privilegiado no contexto educativo, pois permite a construção de um processo criativo onde a aprendizagem se torna significativa, possibilitando a apreensão do mundo da descoberta e do encantamento dos sentidos. A aprendizagem torna-se concreta e múltipla no contato com o inusitado e com manifestações poéticas produzidas e acumuladas pelo ser humano.

Sobre esse potencial criador, Ostrower (1995) coloca que "não é outra coisa senão esta disponibilidade interior, esta plena entrega de si e a presença total naquilo que se faz" (p.247). Essa ação deve ser motivada e alimentada constantemente, pois, ao se deparar com diferentes desafios e materialidades a criança se sente instigada a imaginar e construir outras formas de olhar o cotidiano que se renova e se materializa nas produções infantis, através da sua liberdade de interagir com o meio e se expressar de forma espontânea.

Todo o processo de criação começa neste estado de profunda inquietação e tensão- nem há palavras que possam descrevê-lo, porque os anseios e pressentimentos encontram-se como que concentrados numa enorme carga afetiva em regiões de pura sensibilidade (OSTROWER, 1995, p.257).

Essa discussão entre os autores citados propicia uma compreensão da necessidade de articular educação e arte desde a infância, pois o ato de educar não se separa do ato estético e essa compreensão reafirma a necessidade de se considerar o ser humano em sua pluralidade, como um ser singular que vivencia todas as possibilidades de conhecimento no desenvolvimento de suas potencialidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento dessa pesquisa abriu caminho para repensar situações diversas no cotidiano da educação infantil, apontando saídas para reestruturar as práticas desenvolvidas com essa especificidade educativa. A primeira delas é a superação de um ensino fragmentado e descontextualizado, pois o trabalho com a educação infantil exige essa integralidade, pois as crianças trazem em sua essência essa plenitude e pluralidade que são integradas no seu fazer e expressão poética para compreender o mundo que as cercam.

O conhecimento é múltiplo e a amplitude do pensamento abrange todas as áreas do conhecimento ao mesmo tempo, pois a criança não aprende primeiramente a andar e posteriormente a falar, todo o processo de desenvolvimento cognitivo, físico e afetivo ocorre simultaneamente, e a criança se apropria do cotidiano a sua volta experimentando todos os seus sentidos com intensidade.

A arte se torna privilegiada nesse processo, visto que permeia todo esse universo mágico do fazer criador, onde através da multiplicidade das linguagens permite conhecer e recriar o mundo. O potencial artístico aponta para um trabalho rico e propulsor de aprendizagens sensíveis, poéticas e significativas, pois permite que o homem reconheça a sua realidade, os seus anseios e os canalizem em energia criadora que pode transformar essa realidade e não apenas se adequar de forma passiva a ela. O trabalho com o movimento expressivo, muitas vezes, fica esquecido pelos professores que privilegiam as experiências voltadas apenas ao desenvolvimento da motricidade e não ampliam as possibilidades gestuais das crianças. De fato, cabe à creche e à escola a investigação de gestos mais ricos e expressivos em contraposição ao gesto repetitivo do "lápis na folha". A experimentação do movimento criativo potencializa o desenvolvimento integral da criança, que enquanto aprende se desenvolve e se reconhece como sujeito capaz de se expressar corporalmente, reconhecendo suas potencialidades e respeitando o limite do outro.

Esse trabalho é extremamente importante na educação infantil, visto que é construído por meio da ludicidade, pois dentre todas as linguagens, essa é a que permeia o centro de interesse das crianças e permite o desenvolvimento significativo de todas as linguagens, visto que, se apropriam do mundo à sua volta e aprendem enquanto brincam.

Por isso, a expressividade das linguagens teatrais tem tanta proximidade com esse universo infantil e podem ser ampliadas a partir das vivências lúdicas das crianças, pois é possível aproximá-las do universo de produção cultural e especificidades dessa linguagem, sem limitar as crianças a um processo mecânico do fazer teatral.

A linguagem musical, que inúmeras vezes se limita a cantar músicas "Lá, Ré, Mi" em momentos pontuais da rotina, também podem avançar a partir da exploração da sonoridade do ambiente e da experimentação sonora através da improvisação e composição musicais e, além disso, a importância da música na nossa cultura e em diversas culturas. O que pode gerar diversos outros projetos que apontam a necessidade de suprir a curiosidade e anseio das crianças.

Explorar a arte em outras culturas, como a africana, indígena entre outras, pode romper com práticas superficiais existentes que abordam culturas tão ricas e diversificadas de forma empobrecida em datas comemorativas que não permite a ampliação do